

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira
Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo:
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica
Centro de Pesquisas Sociosemióticas

A leitura do jornal como experiência sensível*

A leitura do jornal como hábito

Um hábito matinal, como tomar café com pão e manteiga, é tomar café da manhã com jornal, ou, no caso dos vespertinos, o jornal acompanha o almoço, a espera para ser atendido, a volta do trabalho, a pausa da chegada em casa, o término do dia. O papel do rádio, da televisão, e, recentemente, da internet, que noticiam em tempo real, ao vivo, os fatos que se transformam em notícia, pouco modificou a constância com que o jornal impresso se apresenta no dia-a-dia de seus leitores. Inclusive, ele passou a ser conjugado de vários modos às demais mídias, fazendo inclusive aparecer combinações como a leitura do jornal vendo TV, ouvindo rádio. De todas essas circunstâncias de leitura, atestando que a mídia impressa continua mediando em grandes proporções o contato do sujeito com o mundo, o que nos interessa compreender é a sua adoção como um hábito por um grande número de leitores, investigando de que valores essa mediação é investida e quais os efeitos de sentido que esses conferem à vida cotidiana.

Na acepção em que o termo é definido na sociosemiótica desenvolvida por Eric Landowski em seu livro *Passions sans non*¹, o hábito é uma prática significativa de um fazer, de um modo de agir, que produz um tipo específico de contato entre o sujeito e o que ele faz. A ação de fazer o que já se conhece estrutura-se como um hábito quando aquele que a realiza deliberadamente a investe do propósito de obter com essa retomada as dimensões sensíveis que tal ação lhe aporta. Atesta, pois, essa repetição um ato de vontade do sujeito, que quer *sentir o sentido* que essa lhe produz. Impulsionado pela estesia, essa repetição accional de certos tipos de encontro entre

*Texto reformulado e desenvolvido a partir da primeira versão “Jornal e hábito de leitura na construção da identidade”, apresentada e publicada no XIII Encontro anual da Associação Nacional de Programade Pós-Graduação em Comunicação – COMPOS, FECHINE, Y. (org.) *Caderno de textos do GT Produção de Sentido nas mídias*, UNICAP, 2004, pp.15-31 e CD da XIII COMPOS.

¹*Passions sans non*, Paris, P.U.F., 2004.

um sujeito e dado objeto, também um sujeito, visa a nutrir um certo estado d'alma. Por meio da reiteração, o sujeito experimenta a sua intervenção sobre o estado variável das coisas, de maneira que o seu ajustar-se às mudanças torna-se uma maneira do sujeito sentir-se a si mesmo, de sentir o outro. Advém assim das interações intersubjetivas vários procedimentos de ajuste ensaiados pelo sujeito para aprender um modo seu de viver e sentir as coisas e ocorrências de sua vida.

Sentindo o que os seus pequenos arranjos desencadeiam para ele mesmo e no seu meio, o sujeito se familiariza com as astúcias que pode praticar para sentir o sentido além da rotina que o dessemantiza. Uma prática volitiva do sujeito, o hábito é cultuado pelo seu aporte estésico. Quanto maior o empenho na sua exploração mais a familiaridade ganha desenvolvimento e o hábito se vivifica.

Assim é que a familiaridade do leitor com o seu jornal transforma a sua leitura em um encontro de dois parceiros com o mundo. Essa parceria assegura que o encontro não só tome a forma objetivante, mas também uma forma de proximidade sensível, por meio da qual o conhecer não se separa do sentir. Como algo participativo, a leitura é uma forma de degustação do mundo, fazendo o sujeito saboreá-la, sorvendo e extraindo dela sensação, sentimento, saber. Nessa acepção, o hábito é um fazer calculado de quem almeja reinstaurar a significação nas atividades rotineiras. Nessa acepção, o sentido do hábito é o de promover situações configuradas como *escapatórias*, segundo a conceituação que A.J. Greimas conferiu a esse termo, na segunda parte de *Da imperfeição*². Armado pela volição, o hábito, como uma escapatória, é uma prática que redimensiona a condição estésica da significação ordinária das coisas, do mundo, dos seres e do sujeito mesmo com o propósito dele empreender uma construção de vida, de mundo, explorando tanto o sensível como a razão.

A sistematização do conceito de um *sentido sentido*³, como aquele que faz sentido na duração de sua experiência, emerge nos estudos de Landowski sobre os regimes de interação social em tipos de contatos particulares vividos em situação pelo sujeito, tais como, na exemplificação do autor, situação do riso, da dança e do montar

²GREIMAS, A. J., *Da imperfeição* (trad. Oliveira, A.C.), São Paulo, Hacker, 2002.

³LANDOWSKI, E., "Viagem às nascentes do sentido", in ASSIS SILVA, I., *Corpo e sentido, a escuta do sensível*, São Paulo, EDUNESP, 1996, pp.

à cavalo. No caso de um par que dança, as movimentações corporais de cada um em todas as suas dimensões engendram as do outro, numa concepção de fazer junto, em dueto, a dança. A continuidade do dançar em parceria desenvolve entre os pares, por um ajuste das qualidades plásticas e rítmicas do corpo de cada um com as do outro, um modo próprio do corpo a corpo ajustado realizar a dança. Esse fazer junto propicia aos actantes o prazer da descoberta somática mútua, progressiva na sua reciprocidade. Quanto ao encontro do cavaleiro e do cavalo, também esse se caracteriza pelo que o contato entre os dois sujeitos produz no se pôr um em relação ao outro. No e durante o ato do contato, sem que um dos sujeitos exerça um dado saber e poder sobre o outro para conseguir manipulá-lo, os dois se relacionam abertamente sentindo o sentido do fazer do cavalo e o fazer do cavaleiro. À moda deles, o encontro desenrola-se, lance a lance, pelo ajustamento, que os afina no estar dinamicamente juntos.

Desses encontros estésicos advem a compreensão de como agir, numa atestação da inteligibilidade do sensível. Progressivamente, no sentir-se sentindo o outro, com toda a intersomaticidade engendrada na interatuação dos corpos, emerge uma presença efêmera e contagiante do sentido, produzida pela iniciativa do sujeito em construí-la. O sujeito descobre-se sensível e transformador com o seu próprio agir. O contato dos sujeitos os reúne sem, contudo, fusioná-los. Ao contrário, cada um se torna mais si mesmo para atuar como sujeito. A significação do que produzem passa a ser apreciada pelo seu gosto de descoberta de si, do outro, do mundo.

A leitura diária do jornal é um tipo de encontro que, à primeira vista, não apresenta semelhanças com os tratados por Landowski, uma vez que a ação de ler o jornal serve a propósitos precisos do leitor e também do jornal. No entanto, pensamos que a interação vivida na sua leitura daria vazão a ordem do sensível na medida em que propicia sensações de um contato direto com o mundo e com o jornal. Nossa hipótese considera que, apesar da finalidade interessada com que o leitor lê o jornal, repousa no sentido despertado por esse encontro os seus atos para manter a sua leitura entendida como um hábito.

Todavia uma diferença importante entre os outros encontros e o contato do leitor com o jornal diz respeito à dimensão somática da relação física dos sujeitos que,

no nosso objeto, só metaforicamente podemos mencionar que se processa por meio de um corpo a corpo. No mais das vezes, o envolvimento do corpo no processamento do contato é descartado inteiramente dos estudos sobre essa mídia impressa, inclusive por que eles tendem a tratá-lo como seqüência de atos que a objetivação automatiza. Mesmo sendo esta dimensão somática secundária nos estudos da comunicação, assim como nos estudos semióticos que se ocuparam do jornal, somos guiados a abordá-la em função do seu desempenho na relação. Um meio para promover uma compreensão fundamentalmente cognitiva, a leitura não se concretiza sem as medidas que o leitor toma para marcar e realizar esse seu encontro diário com um jornal específico. Nessa perspectiva de um encontro calculado, que se repete no ciclo de um dia para outro, por um empenho dos sujeitos na sua concretização, é que esse encontro vai além da cognição dele resultante e desencadeia também uma efusão de sentido do sujeito sobre ele mesmo e sobre o mundo próximo, distante. Essa apreensão interfere na sua compreensão tanto inteligível como sensível. Postulamos, em outras palavras, a instauração de um sentido que se dá antes da leitura do jornal, e que reside no ato mesmo de ler o jornal: o sentido do hábito e da familiaridade na acepção landowskiana dos termos.

Que as resultantes maiores desse tipo de encontro são de ordem cognitiva e pragmática, nós não deixamos de reconhecer, porém, ao mesmo tempo, nos parece que, antes dessas, talvez como uma pré-condição delas, se esse conceito de fato é operacional, ou como uma relação de pressuposição entre tais ordens, o traçado progressivo do encontro, produtor da familiaridade, atesta uma ordem do sensível na estrutura da relação tanto entre o leitor e o seu jornal, quanto entre o jornal e o seu leitor. Como um encontro qualificante desses sujeitos, em que um se ajusta ao outro, indagamos qual é a especificidade desse procedimento de ajustamento, quais são os seus operadores e quais são as ressemantizações que ele instaura na cotidianidade?

Com todos os gestos e comportamentos que a manifestação do hábito exige que o leitor tome para a sua efetivação, destaca-se do jornal, na incoatividade durativa da leitura, a face que ele mostra ou deixa aquele com quem se está interagindo formar dele. Uma vez que essa face é rerepresentada em cada leitura, ela é uma configuração esperada a partir da qual o sujeito ajusta-se ao seu traçado identitário. Assim, no

jornal é mais a sua mesma face que é esperada repetir-se a cada encontro. Tanto quanto o surpreendente de uma faceta nova que provoca toda uma gama de efeitos de sentido da descontinuidade advinda do inesperado, no caso da mídia impressa, é a face conhecida, que se mantém na continuidade, garantindo ao que a conhece a identificação dos seus contornos e dos seus modos de atuação particular, que emana as qualidades sensíveis que tocam o leitor. No seu agir, elas o convocam para, sentindo-as, nelas reconhecer o que tais qualidades já lhe exigiram apreender de sua conformação expressiva. Com maior familiaridade com a organização do jornal, a cada encontro, o leitor pode se tornar, no ato de lê-lo, um explorador da sua construção. Justamente por ter dela apreendido as orientações pelas quais ele articula as direções de sua leitura, ele pode, então, dinamizá-las, ultrapassá-las e até traçar, na estruturação fixada do jornal, um caminho próprio para percorrê-la. Fazendo-se no e a partir dos atos de ler, as suas rotas não acarretam perda de sentido, mas, ao contrário, como invenção de trajetórias elas lhe propiciam encontrar um modo próprio de estar na relação participativa que rompe com o automatismo e o fazer estereotipado.

Por esse viés é que a noção de corporeidade vai estar inserida em nossa abordagem. Além do âmbito metafórico, o jornal tem um corpo que lhe confere uma existência física tocável pelas mãos do leitor para trazê-lo à proximidade do seu tronco, de seus olhos. Nesse corpo a corpo, portanto, as constantes do modo de noticiar do jornal são o que faz o leitor apreender uma maneira de pôr-se física, somaticamente, em relação às notícias do mundo, que o jornal estampa diante dele.

Identidade, projeto gráfico e procedimento de ajustamento

Tomando a situação de leitura do jornal como uma experiência que se vive a dois, o que se observa é que os vários cuidados para arranjar-la não são só efetuados pelo leitor, mas vão ser empreendidos também pelo jornal na definição de constantes de sua apresentação. O perfil de seu leitor lhe impõe direcionamentos para elaborar os tipos de convocação que despertam a sua atenção, os tipos de argumento para promover a adesão ao seu ponto de vista, os simulacros de mundos que mais o envolvem, fazendo-o agir ou reagir, assim como uma forma de organização da

visualidade que mais se adequa ao modo de se pôr na relação corpórea da leitura. A apresentação da face do jornal não deixa, então, de resultar de um procedimento de ajuste do jornal ao seu leitor.

Moldando-se as formas de ver do leitor, uma *programação* visual cria as formas e as direções do arranjo expressivo da forma de noticiar de cada jornal. Ao se apresentar para o leitor dia a dia, essa programação obedece uma regularidade. Da mesma maneira que o jornal é programado para reaparecer e ser lido diariamente, o leitor também reaparece para executar o seu papel determinado. Mas, tem um papel nessa regularidade, a montagem que atualiza o projeto gráfico e incorpora na diagramação, a novidade própria do noticiar que aparece assim tanto no plano do conteúdo, quanto no plano da expressão. Como modo de reafirmação identitária, o sentido cognitivo do projeto gráfico atinge a sensibilidade do leitor e, nas repercussões dos efeitos sensíveis, o estado de ânimo e d'alma do leitor são mobilizados quer por operações de manipulação, quer de ajustamento.

Sobre a sua configuração visual recai a estruturação da face do jornal, o que significa que o encontro entre o jornal e o leitor se desenrola regido pelas normatizações e convenções do modo do primeiro apresentar-se ao leitor pela sua identidade visual. O sensível, que temos defendido que o leitor sente no ato de ler o jornal, seria assim primeiramente concretizado pelo que o jornal dá a ver de si mesmo. Todavia, a anterioridade do seu ajustamento ao leitor realizada pelo projeto gráfico que lhe confere uma dada existência e uma forma de vida, não se revela um impedimento para que ocorram novos procedimentos de ajuste, na duração de seu processo de vida. Assim, mesmo se a transformação do jornal não ocorre no transcurso da interação, em função de um agir pontual do leitor, qualquer mudança na sua identidade visual pode ser considerada um procedimento de ajuste ao leitor ou ao mercado. Como salientamos, em ato, em função da trajetória prevista pelo destinador, o leitor somente pode construir caminhos próprios para ultrapassar a prevista leitura no contínuo das páginas e dos cadernos. Apenas um outro projeto gráfico pode dar conta de atender os descompassos da falta de ajustamento do jornal ao seu público, e promovê-lo. Fazendo da sua programação visual uma das condições pressupostas para o contato com o leitor, o jornal faz esse desenvolver um modo de estar e de se

relacionar com ele.

O enfrentamento da oposição semântica de base nos termos de manutenção (constância) vs variabilidade (diferença) conduz o leitor a uma ritualização das suas disposições a fim de garantir para si os efeitos de sentido, que a sua exploração lhe oferta, ensinando-lhe a delas tirar proveito. Os seus comportamentos e disposições vão seguir os passos de um ritual regido pela organização visual do jornal. A familiaridade o conduz a se envolver tanto diretamente com os conteúdos que esta expressão veicula, quanto com ela mesmo no desempenho de seu papel de operadora da passagem da ordem do sensível à ordem cognitiva.

Antes do que se lê no jornal, a escolha de qual jornal ler é decisão do sujeito. Escolha feita, o leitor arranja o seu momento de leitura e um certo modo de fazê-la. Todavia, de igual modo, a recíproca se coloca, uma vez que o jornal armazena, os desencadeadores da prática desse rito, mostrando, por seu lado, que ele se arranja estruturalmente para atualizar as suas marcas identitárias responsáveis por ele ser o preferido do leitor. Com os seus cuidados para mantê-la, o jornal cultiva o ritual de leitura.

Se o leitor professa esse culto ritualizado, no transcurso diário do advento da leitura, a sua vivência também passa a receber investimentos de valor. Numa época em que o fazer sentir do destinatário é predominantemente organizado pelo destinador em função de fazê-lo sentir-se um outro diferente de si mesmo, o jornal emprega uma estratégia distinta para fazer ser aquele com quem ele interage. O seu propósito é o de manter a identidade do leitor, na medida mesmo em que mantém a sua própria identidade.

Com padrões que lhe são próprios, a criação da identidade mercadológica para as organizações e empresas com os seus produtos, marcas e serviços tornou-se uma prescrição de vida para aqueles que objetivam fincar as suas âncoras no vasto mercado globalizado. No caso da mídia impressa, essa necessidade contextual impulsionou o desenvolvimento no século XX do design gráfico e a sua expansão enquanto profissão com mercado de trabalho assegurado. Na tipografia e em todo o campo da impressão, o desenvolvimento tecnológico do digital fez conquistas que asseguraram a competitividade do jornal com as demais mídias.

Muito aquém da rede de estratégias manipulatórias do jornal para se promover enquanto um produto de consumo, o que se apresenta é indicativo de que o hábito de leitura dessa mídia assume na contemporaneidade o lugar da prática de outros ritos. Como em muitas manifestações de nosso tempo, na ordinariedade das pequenas coisas, à primeira vista, beirando a insignificância, passaram a ser inscritos formas do sentir-se na própria pele, sentir-se no mundo, que ajudam delinear os modos de estar do sujeito, as marcas identitárias e os estilos de vida na sociedade. Do mesmo modo que os mitos na sociedade capitalista e letrada passaram a ser certos produtos, artistas, figuras políticas, a leitura do jornal encontra justificativas para se realizar como um hábito.

O arranjo plástico na constituição da identidade do jornal

Na estruturação da totalidade textual, o jornal é organizado em blocos de cadernos encaixados uns nos outros. Dobrado na metade do formato das páginas, ele chega ao leitor recoberto pela primeira página do primeiro caderno. Cada caderno é composto por um certo número de páginas, que lhe dão uma espessura e um peso físico. A unidade dessas partes é montada pelo projeto gráfico. Concebido com uma duração extensiva, esse projeto rege o posicionamento e distribuição dos textos nas páginas e nos cadernos, construindo uma aparência visual para o jornal que principia pelo tipo de corte do papel que lhe dá um formato, cujas dimensões o particularizam.

Sob o formato, uma superfície espacial significativa, as matérias verbo-visuais são distribuídas nos dois eixos da organização: a vertical e a horizontal. Regida pelas oposições alto *vs* baixo, ou superior *vs* inferior, a verticalidade do formato é rompida por um certo número de fragmentações horizontais criadoras dos espaços das manchetes e das chamadas, assim como aqueles das fotografias e desenhos. Pelo jogo entre esquerda *vs* direita, bordas laterais *vs* centro, os cortes horizontais instauram um número fixo de zonas na vertical, que vão ganhar forma e ritmo a partir do número de colunas, com as suas dimensões de largura e altura. As colunas ainda determinam as medidas para o enquadramento de fotografias, desenhos, publicidades. Como princípio da distribuição dos elementos na página, as colunas de textos verbais e as de textos visuais são alinhadas ganham um equilíbrio pela movimentação rítmica. Como

o formato do jornal carrega os seus sentidos e valores nas suas posições, o desenho geométrico padronizado da diagramação é projetado sobre essas posições primeiras pelo projeto gráfico. À axiologia de base, sobrepõe-se a da diagramação, marcando com um valor a ocupação de cada posição da construção significativa do significado.

Os textos da mídia impressa são produzidos a partir de sincretizações das duas linguagens edificantes do seu plano da expressão: as linguagens verbal e visual. Os textos produzidos são articulados na distribuição na página, mantendo entre si diferentes relações. Traçada pelo projeto gráfico, diagramação arranja topologicamente as partes da composição. Formas e cores são posicionadas em figuras geométricas regulares de quadrados e retângulos que dinamizam a quadratura da página por um enredado dinamismo das linhas verticais e horizontais, retas e diagonais que se entrecruzam. .

A formação da entidade visual é, sobretudo, um dar concretude à identidade do jornal. Essa é definida por uma estética, ancorada em uma axiologia, que faz com que o arranjo plástico do projeto gráfico, nos contatos entre leitor e jornal, promova uma relação de familiaridade. Assumimos que é graças a essa esteticidade que esse contato é mantido pelo leitor como algo que lhe apraz, mesmo se o conteúdo da notícia que ele vai ler não lhe produza um sentir similar. Assim, o modo de disposição das notícias leva o leitor a cultivar uma espécie de gosto pela sua expressão.

Como todo plano do conteúdo é veiculado por um plano da expressão que o manifesta, somos levados a adotar da *semiótica plástica*⁴, desenvolvida particularmente por Jean-Marie Floch e Felix Thülermann, as operacionalizações conceituais e metodológicas para descrição do plano da expressão do jornal. Sem análises de jornais distintos nessa etapa da pesquisa, apesar de sabermos da relevância delas, pensamos aqui os procedimentos de estruturação geral da plástica do plano da expressão e o seu papel na constituição do hábito de leitura do jornal.

Os conceitos de categoria constitutiva e categoria constituinte nos permitem classificar os elementos, enquanto formantes, que entram na composição e têm nela

⁴ Para maior aprofundamento, consultar o livro *Semiótica plástica*, cujos vários capítulos mostram o tratamento do plano de expressão dos textos visuais (A.C. de Oliveira (org.), São Paulo, Hackers-CPS, 2004).

um papel que os distingue entre si, pelas suas operacionalizações funcionais. Para a descrição do plano da expressão, a postulação de que os constituintes desse se apresentam articulados em três etapas, permite-nos, pela relação de contraste, assinalando a diferença distintiva entre os significantes, determiná-los quer enquanto um traço minimal, quer enquanto a articulação funcional desses no todo do arranjo.

A unidade mínima da expressão é concebida enquanto *formante*. Os formantes são de tipos distintos, a saber: matérico, eidético, cromático e topológico. As unidades intermediárias, que estão aquém dos signos, formam a *figura* estabelecida a partir de uma reunião de um feixe de formantes que são articulados entre si com um dado fazer figural. A partir da formação das figuras, essas podem ser agrupadas pela sua atuação funcional em uma grandeza, que é denominada *categoria da expressão*.

Esses parâmetros nos permitem descrever e interpretar como, por suas linhas, espessuras, tamanho, caixa alta ou baixa, formato, volumes, orientações, serifa, os tipos gráficos vestem de sentido as palavras. Qual a participação nesse das cores? O cromatismo empregado é o preto, o branco e cinzas, obtidos das variações opositivas do claro e do escuro. O cromatismo branco do fundo é a base das demais articulações instauradas pelos contrastes com todas as outras cores que penetraram o jornal, contudo, sem abalar o seu bicromatismo com o qual as colunas, manchetes e chamadas se fazem visíveis e atuantes.

Aventando afirmar que as cores, inseridas tanto no verbal quanto no visual do jornal somente nas últimas décadas do século XX, vieram para mais destacar o jogo do preto *vs* o branco, somos levados a intuir como hipótese a ser testada que a cromaticidade tem, nas suas duas manifestações polares, um sentido próprio, talvez, o da instalação primeira da subjetividade e da objetividade jornalística.

Por outro lado, esses conceitos plásticos permitem estudar o modo de articular as palavras com os demais elementos como fotografia, desenho, gráfico, tabela, quadro, publicidade, que são, em termos da visualidade, os recursos de uso mais frequentes no jornalismo. Ao dar espaço ou compactar os vazios brancos entre as colunas das chamadas e das matérias dos textos visuais, esse modo distribucional produz um efeito de ordenação e controle da quantidade, pois as colunas de vários

tamanhos alinham-se geometricamente com regularidade, simetria e equilíbrio.

Aquele que depreende, na leitura do jornal, os seus procedimentos visuais de construção pode medir a força impositiva desse regramento. Em que medida essa regulação não é também apropriada para os fatos do mundo que o jornal noticia? O jornal regula todos os fatos nos seus textos, quer para contê-los nas colunas da matéria, quer para os relacionar com outras matérias em outros espaços. Essa transversalidade do sentido implica que a sua dinâmica de leitura não é linear e a diagramação possibilita modos de reunião semânticas que ultrapassam as páginas e os cadernos. Ainda, o jornal organiza e classifica as notícias ao diagramá-las nas posições várias do papel. Posicioná-las nesta topologia é conferir-lhes valores e sentidos, assim como é também afirmar que o jornal articula um sistema axiológico do que noticia.

O papel enquanto suporte não tem chamado a atenção dos estudiosos do jornal, mas ele age tanto como formante matérico, quanto formante topológico. As características matéricas do papel entram na formação do sentido, quando, por exemplo, um outro tipo de papel é empregado a fim de estabelecer um contraste entre eles em termos de textura, trama, compactação do papel que permitem maior resolução da impressão, brilho das letras e das cores nas fotografias, valorizando por si os conteúdos dessa página do encarte. Essa estratégia de uso de diferentes tipos de papel, a fim de assinalar uma valorização do conteúdo, ou de marcar uma diferença de contexto, tem sido muito empregada nos jornais em que um papel de qualidade superior ao uso corrente instala investimentos semânticos. Com maior gramatura, maior luminosidade e brilho, mais textura e granulação, essa materialidade indica, por si própria, a axiologia valorativa do que está nela posicionado. Ainda, esse outro papel é assim apresentado como integrando um suplemento, um encarte do jornal, e não uma parte dele. Por sua vez, o papel de emprego ordinário não recebe investimentos de sentido nas suas neutralizadas qualidades significantes, excepto em termos da sua cor. Deixada para ser vista, essa qualidade atua não só enquanto formante cromático, mas também enquanto formante eidético, num uso que é da maior importância na distribuição compositiva do verbal e do visual na página branca. A cor do papel tem uma atuação eidética, ao traçar os contornos, os enquadramentos,

a aproximação e o distanciamento, e o mais importante, ao demarcar as margens que, sobretudo, atestam que esse cromatismo é um corte em um mundo mais vasto, cujo formato do jornal é, por definição, o seu mundo plástico de realização. Nessa materialidade mesma que o faz significante, o mundo de papel é o mundo das linguagens, cujo referente existe nele próprio, no seu interior, e não fora dele.

Do mesmo modo que o suporte da pintura é muito mais do que um mero receptáculo de tintas e matérias outras, o papel, além de apresentar-se eideticamente na página do jornal por sua cromaticidade, ao fazê-lo, ele, uma cor mais ou menos branca, com luminosidade ou opacidade, um material com gramatura e textura, é também o espaço topológico do formato, com um tamanho e direção de uso. Nessa complexidade funcional, cada um desses elementos atua como mais um dos constituintes do sentido. A escolha do tipo de quadratura a adotar não é neutra e um corte retangular maior ou menor, ou um quadrado, exercem coerções sobre os modos de alocação dos constituintes no formato adotado. Os direcionamentos que um formato põe em ação produzem portanto efeitos de sentido. Com base nas linhas de forças e nos valores dos eixos nos quais são posicionados, verbal e visual são nele alocados numa distribuição que, seguindo a ordenação do projeto gráfico, possui também ele um sistema valorativo em si, que é transladado para o que é noticiado em dada posição. Qualquer arranjo que deixa de segui-lo, faz-se apreender pelo leitor como uma ruptura do padrão, despertando a atenção sobre esse seu emprego. Por seu papel, defendemos que o projeto gráfico é um dos procedimentos de ajustamento do jornal ao seu leitor nos encontros entre eles.

Pela sua atuação no conjunto, a diagramação jornalística pode ser descrita como uma *categoria constituída* de outros elementos como os formantes e as figuras que atuam no todo como *categoria constituinte*. São desses dois tipos as categorias relacionais dos elementos que constroem o plano da expressão do jornal. Para a sua descrição, partimos da identificação dos elementos, das figuras e das categorias da expressão com o propósito de estudar como essas se correlacionam com as categorias ao plano do conteúdo.

Nessa mídia, a palavra é dada a ver pela tipografia. O tipo gráfico usado, o tamanho do corpo da letra, as espessuras, os volumes; as colunas, nas quais é

distribuída a opção de família de letra com uma dada largura, espaçamento entre as linhas da coluna, o número e posição das colunas na distribuição pelas verticais e horizontais, a cor dos tipos gráficos mais ou menos preta pela quantidade de branco ajuntada, e os embates entre o branco e a gama de tonalidades do cinza ao preto, todos esses são elementos que produzem a forma visual da palavra. A sua presença no jornal resulta das estratégias de ocupação e de distribuição visual do verbal no espaço, arquitetado pelo projeto gráfico a partir dos recursos de seu sistema, o que permite tratar a linguagem verbal como um dos elementos da visualidade e, talvez no jornal, o elemento central. Esse dar a ver a palavra pela visualidade não faz com que ela perca a especificidade de sistema verbal. À moda da poesia concreta e da poesia visual, que realizaram um projeto estético justamente centrado na exploração das características plásticas da palavra, no jornal essa plasticidade é disposta na quadratura branca do papel para também significar pela sua estruturação tipográfica e sua distribuição topológica. Os entrecruzamentos com o sistema visual em sua constituição própria montam, pela interação dessas linguagens distintas, a forma única da expressão verbi-visual do jornal.

Esse mundo verbo-visual apresenta plasticamente o jornal ao leitor, permitindo-lhe, antes do conteúdo lido, já entrever algo desse, por meio da apresentação sensível da quadratura delineada como o seu mundo. Não há, pois, nas abordagens do jornal, razões para considerar unicamente o estudo do seu plano do conteúdo. Mesmo se a construção do ponto de vista dos posicionamentos e a axiologia são do maior interesse nas abordagens, como todo conteúdo, esse só é manifesto por uma expressão, cujo arranjo estético a particulariza em relação aos demais jornais concorrentes. Como os destinadores do jornal objetivam veicular manifestações textuais que produzam uma compreensão direta e agil do seu dinamismo, o plano de expressão do jornal busca orquestrar com eficácia os percursos de leitura.

Identidade visual e hábito

Ao abrir o seu jornal, a cada dia, seguindo as orientações do projeto gráfico que o identifica, o leitor deposita a sua inteira confiança de que vai encontrar, nesse

novo dia, numa temporalidade de vinte e quatro horas transcorridas, o seu jornal com a mesma organização gráfico-distribucional dos dias anteriores. Esse sentir é proposto ao leitor no seu deparar-se com a estrutura visual de base que ele conhece como a própria do jornal pela reiteração das marcas da sua especificidade. O todo coeso dessa plástica corresponde ao traçado da identidade do jornal.

Ainda, esse sentir exerce um papel de pressuposto de leitura: aquele jornal escolhido para se encontrar de manhãzinha e, com ele sentar-se à mesa do café, esse jornal, um sujeito, com um dado agir sobre o leitor, ele vai figurar nessa interação com uma face e um corpo projetado pelo design gráfico. Essa certeza assegura inicialmente a manutenção de atitudes, comportamentos e posicionamentos assumidos pelo jornal que são tomados como a sua linha de conduta. A partir das escolhas que comandam o arranjo plástico do seu plano de expressão, configura-se a identidade visual do jornal que, com o seu estilo, é reconhecida.

A identidade visual funciona, assim, como a base do contrato de fúcia., atuando como uma promessa do destinador ao leitor que, na sua duração que segue um ciclo de vida, o jornal mantenha as suas bases identitárias. Uma confiança fundante da relação interativa que entretencem, a repetição do arranjo plástico propicia ao leitor sentir o sentido da continuidade, assim como o da normalidade que são significantes para, sensivelmente, ele assegurar-se das formas de seu estar no mundo e estar em condições para construir meios de acompanhar a sua evolução sempre transformadora, e, claro, desencadeadora de mudanças.

Para começar o dia, escolhe-se aqueles poucos selecionados para, com eles, partilhar a intimidade. Nesse preâmbulo para a vida socializada, diante dos seus olhos, está o jornal com o seu arranjo plástico que o leitor aprecia tanto pelo seu modo de ser no mundo das mídias, quanto pelo seu modo de fazer o próprio leitor ser. O gostar de sua constituição plástica e das formas de interação que ela torna possível é uma forma de autoaprendizagem sobre si mesmo em termos de sua própria construção identitária e de suas posições axiológicas no contexto sócio-histórico-político-cultural em que vive.

Por outro lado, o leitor mantém seu encontro com o jornal com o propósito de informar-se, que sublinha o aspecto cognitivo da leitura e não o aspecto sensível. O

enunciador detém um saber sobre o enunciatário a partir do qual ele enuncia o seu enunciado em conformidade com uma visão da realidade. Essa performance do enunciador oferece ao enunciatário o que esse foi levado a esperar do seu jornal, encontrando dados para formar um quadro do noticiado e embasar os seus próprios pontos de vista. O jornal tem percursos narrativos e de manipulação para atuar enquanto destinador que faz saber o destinatário, usando largamente os procedimentos de manipulação a fim de provocar a objetivada mudança de estado do leitor, que a semiótica estuda a partir das teorias das modalidades.

As implicações desse agir recaem sobre uma problemática da iconização em termos dos simulacros que o jornal cria. Sobretudo, esses remetem à construção do referente interno e dos mecanismos da enunciação, instaurados nos contatos e interlocuções da situação interacional, que o mundo do jornal abriga. Um espaço de presença dos seres de linguagem, o jornal é palco dos encontros subjetivos e intersubjetivos. Mas, afora as estratégias, tanto de programação como de manipulação, envolvidas nessa interação entre o jornal e o seu leitor, instaura-se um cultivo do relacionamento que obriga tratar a interação com outros enfoques. Com as ações de cada um, os dois sujeitos da interação se põem a se sentir, tateando-se, a fim de encontrar, pela ação e reação, o ajustar-se ao outro para atuar juntos.

Decorre da efetivação volitiva de um modo de estar, a instalação de uma das pré-condições para o enunciador agir sobre o enunciatário, armando-lhe o fazer crer nos termos de contrato de adesão que o jornal, por procedimentos de manipulação, desenvolve para intervir na formação de opiniões e julgamentos. Se a semiótica já bem explorou o procedimento de programação e de manipulação que foram largamente testados no tratamento da mídia impressa com contribuições destacadas, a teoria propõe atualmente pelos trabalhos de Landowski que, ao lado da relação de fusão entre sujeito e objeto, também existe uma outra relação, a da união. Enquanto no tipo fusional a relação entre os sujeitos é unilateral, ao contrário a relação é de reciprocidade no tipo da união. Com essa ampliação da gramática narrativa de Greimas, Landowski inseriu o procedimento por ajustamento como operador desses encontros. A sua proposição refina ainda mais o modelo narrativo da semiótica geral

de descrição e análise das interações sociais⁵.

A dimensão sensível perpassa a instalação das condições do “sentir-se estar e ser em relação a um outro”. Os procedimentos de ajustamento entre os dois sujeitos detalha os atos minimais, a cada lance da relação, de um se construir a partir das qualidades apreendidas em ato, nuançando pela contínua exploração das qualidades sensíveis as maneira de estar e fazer juntos. Esse percurso narrativo do contato interativo não cabe ser descrito em termos das teorias das modalidades, mas por meio das modulações das qualidades das ações, dos gestos empreendidos na duração da experiência sensível. A descrição volta-se para a forma dos modos, ou seja, para o seu plano de expressão. As qualidades matéricas, eidéticas, cromáticas, topológicas nas suas articulações são examinadas em termos da estruturação rítmica da plasticidade para identificar o que nela produz a sensibilização e o sentir. No jornal, o componente estésico advém dessa plástica do arranjo verbo-visual que, então, tanto veicula sentido, quanto um sentir. Se a manipulação é o pressuposto da construção da dimensão cognitiva do jornal, o ajustamento é a parte que envolve a sua dimensão sensível. A descrição do arranjo das qualidades plásticas possibilita definir na construção os processos de desencadear a familiaridade do sentir o jornal que sustenta a sua leitura enquanto hábito.

Conjugando os programas narrativos de manipulação e os de ajustamento, desenvolvidos em termos da análise semiótica do plano do conteúdo, o regime estésico do *sentido sentido* deve ser levado a cabo a partir do estudo da apresentação visual do jornal. Se ela permite ao leitor identificar a cada leitura aquele sujeito que ele conhece e tem confiança no ponto de vista do seu noticiar, ela permite também detalhar como essa construção discursiva é figuralmente elaborada. Aquém da dimensão cognitiva, mas também aquém da dimensão pragmática dessa mídia impressa, nos seus atos de manipular o objeto de valor aceito e partilhado entre jornal e leitor, é na dimensão sensível que se baliza o encontro desses dois parceiros, pelo modo de compor as feições da forma única do seu plano da expressão. Assim, o reconhecimento no arranjo plástico dos elementos constantes constituintes do projeto gráfico desse texto sincrético por excelência que é o jornal, instala, pelo e no arranjo

⁵LANDOWSKI, E., “Interactions risquées” in *Nouveaux Actes Sémiotiques*, Limoges, no prelo.

plástico, as bases sensíveis do texto e de como esse produz a reciprocidade do agir e do sentir. A análise do ritmo da articulação dos formantes dá conta da textualização da corporeidade do jornal e também daquela do leitor.

O crer verdadeiro e a dimensão plástica

Para dar mais sustentação a essa hipótese, passamos à análise de uma charge, que constituiu uma das peças da campanha de publicidade do jornal *The New York Times*. Ao pôr em cena a identidade do jornal, esse texto publicitário fornece alguns elementos para considerarmos algumas das problemáticas que nos ocupam em nosso estudo. Entre essas, as questões de maior relevo são a do referente interno à manifestação textual, a da figuratividade icônica e seu papel no fazer crer e no dizer verdadeiro, assim como os modos de plasmar a identidade e os valores de um jornal pela configuração plástica da primeira página, e, ainda, tratar da problemática da interação com os seus modos de pôr em contato os sujeitos textuais. Esses tópicos são passíveis de descrição e análise pelo estudo do modo particular que a estética do projeto gráfico delineia o atuar do plano de expressão do jornal, assim como pela exploração das correlações dessa expressão com o plano do conteúdo. Nessa reunião, dois procedimentos sintáticos de leitura são examinados como dois fazeres distintivos que entram em articulação, a saber: o sensibilizar os leitores do jornal e o fazer querer adentrar o seu mundo de papel.

Um leitor, como o que, desde o início desse estudo, temos procurado caracterizar e descrever seu ser e seu agir, é apresentado por um desenho no ato mesmo de leitura de um jornal escolhido. A mesa posta e a torrada já preparada para o café da manhã indicam que o desjejum já foi bem antes iniciado, pois, não há dúvidas, que o alimento do leitor é o que o jornal aborda enquanto fatos e situações do dia e ele já está bem avançado na leitura das páginas do primeiro caderno do jornal. Como toda e qualquer presença se faz sentida pelo modo como a sua construção de linguagem é estruturada, a charge nos põe diante dos olhos o lado envolvente do jornal que absorve inteiramente a atenção do seu destinatário, inclusive, até fisicamente, pelo que noticia e também pelo como enuncia as notícias. Pelos recursos dos estudos da enunciação, da figuratividade e da manipulação, os semioticistas têm

dados conta dos procedimentos que o jornal põe em discurso para fazer o destinatário. Consideramos em nossa abordagem que a construção do comprometimento do leitor com o ponto de vista do jornal está alicerçada no ato mesmo do jornal implicá-lo no fato ocorrido, que é construído por mecanismos da dimensão sensível a fim de levá-lo a se sentir estando junto do jornal em seu contato mesmo com a notícia. Trata-se de um fazer da enunciação, sem dúvida, mas também de uma obra dos meios plásticos no seu edificar a esteticidade desse pôr-se em relação implicativa que torna as posições assumidas e os que as assumem existirem de fato, ao menos discursivamente. Desse ponto de análise, o plano da expressão constitui a parte fundamental de nossa abordagem.

As páginas abertas do caderno do jornal situam o que olha o desenho diante da primeira e da última página do primeiro caderno do *The New York Times*. No ato de ler as suas páginas internas, o leitor figurativizado nesse diário está todo englobado por esse jornal englobante. Ao mesmo tempo em que ele nos é apresentado, ocupando a posição do centro para a lateral direita, a sua apresentação é feita por ele sustentar nas mãos o jornal aberto que está lendo. Esse o absorve inteiramente na leitura das notícias de suas páginas internas. Ao mesmo tempo, outros leitores, os pássaros, nos são apresentados, na totalidade da lateral esquerda, da parte superior à inferior. Através de uma vidraça aí situada na cenarização da sala do café da manhã, esses pássaros chegam em revoadas do distante em profundidade do desenho da rua, lá, fora da sala. Pode-se ver no desenho a sua trajetória de movimentação, inclusive acompanhar a entrada de alguns, pela esquerda, pela vidraça mediana que está aberta, e chegar até a mesa inferior, no plano frontal. Caracterizando o grande número desses leitores, cada um deles é mostrado no ato de procurar se postar na boa posição para poder melhor acompanhar a notícia. Também é conceituado que o é noticiado nessa última página do primeiro caderno produz efeitos de sentido de veridicção no público leitor. Visualmente, apreendemos que o noticiado tem uma grande repercussão e concentra as atividades de todos que conceitua o tipo de penetração e de influência desse jornal. No face a face em que os pequenos pássaros lêem a página, numa distância muito próxima, eles vêem e ouvem um outro pássaro, seu semelhante, mas, também, a sua inteira diferença, a começar por ser um pássaro de outra espécie, de

tamanho muito maior do que o deles. O agir desse grande pássaro no reino dos passarinhos mostra-o como um ser que sabe mais do que eles, sendo por esse seu saber das coisas noticiadas que ele ganha o respeito de todos como indica a multidão de pássaros que adere o seu ponto de vista. Essa figurativização do grande pássaro todo poderoso recobre a figurativização que é dada ao próprio jornal com as suas matérias. Como um outro, o jornal referencializa a si mesmo nessa figura do conteúdo com a qual qualifica o seu dizer e a sua atuação. À semelhança dos passarinhos, o estado do homem na leitura do jornal assinala que ambos se encontram absortos e mesmo imersos no dizer do jornal que é atestado pelo posicionamento do leitor inteiramente recoberto pelas páginas abertas. Além disso, a figura humana é caracterizada, como o pássaro leitor, emitindo a sua assunção ao que lê e evidenciando a fidúcia no enunciado do pássaro enunciador, que corresponde àquela depositada no dizer do jornal pelo homem. Ao mesmo tempo, em ato, essa cena de duas partes é posta em uma única cena diante dos olhos daquele que vê o desenho, nós, os destinatários, que somos aí posicionados para sermos levados a contatar o mundo do jornal que faz agir esses seus dois distintos segmentos de leitores de um mesmo modo.

Esses mundos, que têm cada qual uma construção específica, são reunidos no jornal. O das aves mostra como o ponto de vista do grande pássaro se infiltra no viver dos passarinhos, assim como é mostrado a penetração da perspectiva do jornal na vida do homem. Nós, leitores instalados enquanto enunciatários nesse texto visual, estamos implicados nesse modo de agir do jornal sobre os outros leitores, modo esse que nos atinge no contato com o agir do vazio do branco da primeira página do primeiro caderno desse jornal que exhibe unicamente o seu cabeçalho identitário. Ao pousarmos nossos olhos no nome da mídia, um leitor com um conhecimento dos jornais internacionais, reconhece esse jornal, identifica o seu ponto de vista, e nesse discurso nos coloca como seus leitores avaliados como muito bem informados. No alto superior, é esse nome do jornal que aí está diante de mim, de nós. Na página, ele nos olha de cima para baixo, mas, também em um contato face a face. Nessa segunda posição, ele nos aloca na posição de quem pode preencher as notícias que a sua primeira página noticia no espaço deixado vazio a partir da sua figurativização pelo

branco do papel.

Relacionalmente, nós vamos sim compor as notícias do *The New York Times*. Do lugar instalado para essa nossa leitura, nós nos deslocamos para o mundo dos pássaros, para o mundo do leitor, numa circunvolução sem ponto final, que nos faz sobrevoar e ocupar as posições interativas do destinador e do destinatário do jornal.



Figura 1: Propaganda do jornal *The New York Times*, veiculada na revista *Times*, no ano 1989.

Na transparência da vidraça, estão o mundo da cidade, com os seus altos edifícios, e o mundo das aves, com essa revoada de pássaros. Deixando esse seu mundo próprio, eles se dirigem para o mundo construído pela linguagem do jornal na sua última página. Atualiza-se na charge o semantismo da célebre metáfora

renascentista que define uma pintura como janela do mundo. Mas que janela é essa para nós, leitores, que tanto nos faz repensar a objetividade jornalista face ao defrontamento que a iconicidade é um recurso da figuratividade, que sabemos, está na base do contrato fiduciário, do dizer verdadeiro que o leitor atribuí correntemente como papel central do jornal? Em que o contrato enunciativo de leitura desse jornal, ao ser figurativizado como um encontro face a face entre jornal e leitor, tem relação com a problemática do jornal enquanto hábito? No aqui e agora de nossa leitura da leitura desses dois leitores, sentimos antes de raciocinar como o modo de dizer desse texto jornalístico envolve o destinatário para fazê-lo crer e aderir. Mas, a que mundo ou mundos somos levados por esse mundo figurativizado pelo chargista no qual foram posicionados já os pássaros e o leitor de terno e gravata, e que somos posicionados, num ir e vir, *vivenciando* cada um deles? Esse vivenciar não só se restringe ao ato de ver. Desse fazer performativo da experiência da visão, que desencadeia o fazer cognitivo, são incluídos outros, assim como o prévio fazer sentir que estamos tratando no jornal. Qual é aí o papel do plano da expressão do jornal na conformação dos dois contratos que ele instaura, e também, como a constituição identitária produtora da fidelização do seu leitor é plasmada pelos componentes sensíveis da linguagem gráfica, da diagramação, que fazem sentir quem detém a palavra antes de fazer saber o que ele profere?

A última página e as páginas internas produzem em ato, na presença dos dois leitores, o contato com o jornal tal como aquele do tipo de encontro envolvente, que se dá com o leitor para ele se sentir junto ao jornal, tendo com ele uma relação de parceria. A página branca diante de nós arma as condições para a produção de um contato face a face, que nos é proposto, reforçadamente nos levando a revisitar os dois outros contatos efetivados, não para os sentir, mas para avaliar as implicações da construção do dizer verdadeiro e das armações subjetivas da interação, montadas pelo noticiar desse jornal. Instala-se no desenho, mas também entre nós e o jornal, a presença manipuladora que já atuou sobre os demais leitores como estratégia de convencimento, levando-os à construção da significação. Ainda, instala-se sobre nós a presença contagiosa de um sentir a identidade do *New York Time* desencadeada pela plasticidade da sua tipografia, do seu formato e do projeto gráfico privilegiados na

economia do exibir a construção do plano da expressão desse jornal específico.

O tronco inteiro da figura humana que não vemos, da mesma maneira que a sua face e cabeça encobertas, são preenchidos pelo formato retangular do jornal figuratizando que a corporeidade do leitor, a sua face, são dadas por esse jornal como um simulacro de seu estar no mundo, assim como um simulacro do leitor.

Na primeira página do caderno, no branco, cor do suporte da folha de papel, na parte superior, com o tipo de letra, seu tamanho, cor negritada e, distribuído, no alto da vertical do formato por toda a horizontalidade da página, aparece no cabeçalho identitário do jornal, as letras que compõem a sua nomeação: *The New York Times*. O uso da fonte Chestenham remete exclusivamente a esse jornal, pois a fonte foi desenhada em vários pesos, especialmente para ele, pelo designer gráfico Matthew Carter, a partir de uma fonte concebida em 1896. Essa identidade tipográfica que carrega a história de vida do jornal, ao ser vista, imediatamente é reconhecida, antes mesmo do leitor ter conseguido ler todas as letras integrantes do nome e nem sequer ter ainda lido o conteúdo que o referido jornal veicula. Esse conteúdo já vive na especificidade tipográfica que, semi-simbolicamente, imprimiu uma identidade que vem sendo propagada como o próprio ser e estar do jornal nos seus contatos diários com o leitor, durante as décadas seguidas de sua história no cenário da mídia impressa. Mostrada na sua duração temporal, essa vida é doadora de um outro atributo particularizante de Times. Essa constância gráfica vem produzindo efeitos veridictórios que levam não só a figura humana a ler essa mídia, mas até os pássaros, que são figurativizados como inteiramente convencidos do dizer verdadeiro do jornal sobre o seu mundo. A identidade desse dizer é atribuída a uma águia que tem os seus contornos distribuídos ao longo da página toda. Ao mesmo tempo em que funciona aí autoritariamente, ela nos permite identificá-la, sem qualquer modéstia, com o emblema dos Estados Unidos da América. Na sua própria superdimensão desenhada, esse jornal fala de si comprometido com as posições do próprio país do qual ele é originado e que o enunciador nos apresenta qualificando o referido jornal com a feição mesma da potência norte-americana em circulação diária no mundo no jornal específico.

Com essa identidade e com o seu dizer comprometido com valores

ideológicos, o enunciador desse texto publicitário apresentou-nos o jornal duplamente, na primeira página, pelos recursos da tipografia, na última, pelo desenho. Se o recurso tipográfico identifica, pelo plano da expressão, o jornal, a figuratividade o faz pelo plano do conteúdo.

O texto publicitário vai ainda reiterar o papel dessa tipografia, voltando a empregá-la para organizar a parte verbal da sua chamada, tanto um *slogan* do jornal, como a conclusão do raciocínio argumentativo exposto pelo texto visual. À maneira do uso das linguagens na publicidade, o verbal fecha, conclusivamente, o visual. Essa sincretização faz ver o dizer integrado e unívoco das duas linguagens. A afirmação: “There’s no *Times* like the present” é uma apreciação, um valor atribuído a partir de uma comparação. Numa síntese, afirma-se que o atual *Times*, com o seu projeto gráfico e tipográfico, é o *presente* singular desse jornal. A sua feição de hoje, a do nosso tempo, o enunciador declara ser uma realização sem igual do *Times*. A esse presente, nós somos postos cara a cara, no aqui e no agora do ato de reconhecimento e mostraçãõ do tipo de cobertura do jornal, seu público, perspectiva assumida e ação. *Times* atua sobre nós, outros pássaros, outro leitor matinal, no presente, que nos posiciona no mesmo espaço e tempo.

Enquanto leitores figurativizados, os pássaros e o homem atestam a penetração do jornal. Na posição enunciativa de um tu-leitor, acabamos sendo impelidos a lê-lo, reconhecendo a sua identidade. Ao se auto nomear, a propaganda superavalia a competência do jornal. O arranjo visual da construção identitária do jornal, estruturado por uma tipografia própria, é retomado pela publicidade duas vezes, uma ao nos pôr diante do nome-marca emblemática do New York Times, outra, no corpo do *slogan*. A fonte Chestenham nos encaminha por meio das suas direcionalidades e nos dirige pela sua horizontal, que se verticaliza ao se expandir no espaço por meio de curvas englobantes de cada letra indicativas de um fazer englobador, que é ainda mais intensificado a cada emprego da caixa alta no início dos vocábulos em caixa baixa. Esse jogo entre alto e baixo cria territórios de ação da caixa alta sobre a caixa baixa. Por similaridade, tal atuação gráfica corresponde ao agir da águia sobre os demais pássaros, mostrando que os domina e os guia. Semi-simbolicamente, essa proclamação do agir tipográfico significa o agir manipulador do

próprio jornal. Com a sua constituição estética, a tipografia caracteriza o jornal *Times* com o estilo marcante da sua atuação no cenário das mídias. Se uma identidade faz-se pela diferença da relação de *um* com o todo, a identidade de um jornal afirma-se pelos seus traços distintivos dos demais, que a tornam singular e mesmo aurática, como é o caso do *Times*.

Voluntarismo, corporeidade e estesia

Com um certo propósito, a ação do leitor é de escolher e posicionar a presença de um específico jornal em dada hora de seu dia e de adotar meios próprios para a sua leitura que só são estabelecidos a partir das características textualizadas que definem o corpo do jornal. É com esse corpo que tem uma face e uma movimentação que o jornal marca a sua presença no mundo.

Por sua vez, o propósito da mídia é garantir o seu modo de estar atuante no mundo do leitor. Com a sua corporeidade, o jornal assume um lugar no mundo que se entrecruza com o do leitor, um corpo, com face e dinamicidade, definidores do seu modo de presença. Os atributos de um intervêm nos do outro no encontro que se desenrola de seu contato intersubjetivo, tomando forma com o interagir de seus corpos. Os procedimentos de manipulação e de ajustamento são empregados tanto na configuração do corpo próprio de cada um dos sujeitos, quanto na vivência interativa.

Na mídia, esse trabalho de ajustamento, do agir de cada um em adequação ao do parceiro, manifesta-se na execução do projeto gráfico, principalmente, no arranjo topológico das várias notícias que, com as suas caracterizações tipográficas e de diagramação são articuladas na página, veiculando conteúdos. As ações do corpo físico do jornal é um ajustar-se ao do leitor por gestos e atitudes. Ao serem cultivados pelos vínculos sensíveis que produzem, eles entram na constituição do hábito de leitura. A esses pode ser tributado a afetividade que o leitor passa a nutrir por um jornal quando o escolhe como o seu parceiro pelo que juntos vivenciam na leitura.

A disposição com que o jornal cultiva a organização verbo-visual de seus arranjos é diária o que transforma a monotonia do fazê-lo igual em algo em que alguma distinção intervem. Ordenado pelo mesmo projeto gráfico, que lhe dá um

corpo, a sua aparência se desenha em cada arranjo dos fatos noticiados. Assim, se a ordenação é projetada, as ocorrências não são conhecidas previamente. A exploração dos fatos como notícia traz ao texto uma porção significativa distintiva a partir da qual o leitor se depara com as pequenas mudanças no arranjo. Essas variabilidades fazem o leitor entrever alterações no seu percurso de leitura de modo a acompanhá-las. Afastando-se por completo de uma rotina em que a repetição consome e esvazia o sentido, a exploração do significante move o leitor a sentir a significação do jornal em cada aparição. Esse estésico advém da exploração corpo a corpo, na qual um e outro se presentificam na interação.

Assim é que a leitura do jornal com a sua construção de um hábito tem a função de demarcar um tempo preciso no curso do dia dos leitores: há o tempo anterior à leitura do jornal e o que a sucede. O efeito de não receber o jornal em casa num certo dia, de não o encontrar para compra na banca próxima, de não o encontrar fechado no lugar habitual, ou ainda, de encontrá-lo já lido por uma outra pessoa que não o recolocou na seqüência devida, são situações, que só comprovam como uma descontinuidade minimal na seqüência de atos cultivados intervém no estado de ânimo do sujeito e o afeta sensivelmente nas demais situações de seu dia.

Tal afetação é, pois, um efeito residual que o hábito imprime aos que vivem a situação de leitura como vivência interacional de seus corpos em construção continuada na sua duração. Os efeitos do sentido vivido movem cada nova interação entre o jornal e o leitor, numa reafirmação do aprazimento produzido no encontro.

Disposição ritualista e somaticidade

Com todas as disposições para que ocorra segundo os passos de um rito, com hora e local marcados, a regularidade da leitura do jornal traz em si muito mais do que o ato de ler para se informar que produz mudanças nas competências dos sujeitos para o seu desempenho no programa narrativo. Comandadas pelo voluntarismo dos sujeitos, as disposições são direcionadas para a construção da leitura enquanto uma reciprocidade de atuações de um sobre o outro. O sentir o sentido do outro translada o sentir o sentido de si mesmo como modo de estar corpo a corpo na relação.

Antes do que se lê, mas o gesto mesmo de pegar o jornal nas mãos, ajeitando-

se o mais confortavelmente possível para abri-lo e efetuar a sua leitura, mostra o querer do sujeito estar com essa companhia. Nesse entreato, sem qualquer rompimento com tudo o mais que segue a dinâmica narrativa cotidiana, ocorrem os gestos da leitura: abrir o jornal, passar os olhos pelas suas colunas, páginas, que vão sendo folheadas, parar numa charge, afundar os olhos, aqui e ali, devorar uma coluna do começo ao fim, saltar de manchete em manchete, parar em outra, ler somente o início e o final da matéria, retornar do verbal a uma fotografia e à sua legenda, etc... Esse modo de exploração faz com que a própria linearização e a sequência de colunas percam a sua ordenação unidirecional de condução do leitor, fazendo desenrolar a leitura originada do dinamismo da orientação vivificante dos campos de força das linhas e dos entroncamentos irradiados da estruturação do mundo de papel.

Pelas mãos que seguram o jornal, o leitor, com o seu corpo, se põe no corpo do jornal, ajustando-se às dimensões e número das páginas do bloco do caderno, abrindo o jornal inteiramente na duplicidade das páginas, dobrando-o ao meio, em quatro, suspendendo-o, abaixando-o. Nesse corpo a corpo, nem um sujeito, nem o outro detém um inteiro controle dos caminhos a seguir. O contato, a auto-exploração fazem-se no aqui e agora da da leitura. As mãos do leitor, inclusive, buscam em todo o processo a boa posição para enquadrar a face, os olhos, nos melhores ângulos para que a visão possa agir nos seus recortes de exploração da página.

Em *Da Imperfeição*, A.J. Greimas enfatiza a dimensão tátil como o ponto culminante da sensorialidade e da intimidade. Na proximidade íntima do face a face do leitor com o seu jornal, com as duas mãos tateando-o, o ele delimita as zonas de seu desbravamento do corpo do jornal. Do sentido mais profundo e mais sensível, passa-se à visão, o mais distanciado e objetivado dos sentidos. Instauradora da leitura, essa coalescência dos sentidos indica etapas de percurso na dimensão sensível, fazendo-nos apreender nessas também um sensível inteligível, antes da dimensão inteligível se processar.

Por procedimentos que lhe são próprios, tanto o sensível, quanto o inteligível do jornal mostram que esses dois modos de construção da significação não podem mais ser tratados opondo-se, de um lado, o sentido do sensível e, do lado contrário, o do inteligível. A complementariedade e interpenetração dos dois grandes regimes se

encontram e se interpenetram pela orientação das qualidades mesmas do que processam. Somente os modos de articular as qualidades, que não excluem as interpenetrações de fronteiras, separam os regimes de significação.

Interção sensível e reconstituição subjetiva

O contato que o sujeito estabelece com o jornal não advém, portanto, de nada inesperado, acidental e nem tão pouco de uma programação, da rotina vazia de sentido. Ao contrário, o leitor começa a sorver o seu sentido a partir de sua decisão de abrir o jornal, abrindo-se para uma relação de intimidade que o põe, de mala e cuia, na rota que o dia com os seus fatos passados lhe propõem trilhar. Porque esse dia é passado recente, porque o leitor o segura nas mãos no *seu* jornal, ajustando-se na boa posição das duas partes, no corpo a corpo da leitura, ele dispensa todos os instrumentos de orientação, deixando-se guiar pela experiência. Esse conhecimento vivido vale-se, por outro lado, dos acontecimentos que ele tomou contato da ocorrência pelo rádio, televisão, num bate papo, ouvindo de relance uma conversa. A esses se junta ainda um saber acumulado de leituras precedentes do jornal que o torna conhecedor da localização dos cadernos, das seções, do posicionamento das matérias, que são indicados no índice, que ele nem sente mais necessidade de consultá-lo. Também, o fato de que é o próprio sujeito que elege o diário, entre vários outros existentes, para estabelecer esse tipo de contato, exerce um papel na leitura construída como um giro do leitor pelo mundo. Por último, esse giro somente é determinado pelo modo como visualmente cada jornal apresenta as ocorrências, o que nos impossibilita de abordar a sua construção de identidade enquanto representação de algo exterior ao jornal. Esse algo é criado no próprio mundo das linguagens que o manifesta, o que faz de sua apresentação diária, uma presentificação identitária. Depende, então, do como o jornal instaura essa presença do mundo, dos modos que confere a esse uma presentificação, a determinação do viver do leitor.

Sendo tanto a finalidade da leitura, como os próprios meios de processá-la, esse giro do leitor pelos mundos do jornal mostra que os procedimentos de ajustamento balizam a construção dos modos de presença pelo uso presentificante do arranjo estético da expressão, mas também pelos recursos interativos e intersubjetivos

da enunciação e pela figuratividade.

O procedimento de ajustamento é operador da tomada de contato com o corpo do jornal, assim como da sua leitura exploratória. Os dois sujeitos são impelidos nessas etapas a reforçar as suas características para ser mais fortemente cada um no seu contracenar. Essa reiteração os impede de se promiscuir, de se fundir ao outro sujeito. Esse contato de reciprocidade repropõe-se nos vários simulacros das notícias que o jornal produz para neles situar quem o lê. No interior desses mundos, o procedimento de manipulação o faz saber para saber e poder fazer.

Governado pela auto-volição o querer do sujeito faz-se ato de desbravamento. No primeiro momento, esse não é movido pela reconstituição de fatos, por dados, entrevistas, documentos, tabelas, gráficos, desenhos, fotografias, enquanto construtores de simulacros da realidade e do dizer verdadeiro. Ele é movido antes, pelo ato mesmo de ler o jornal, de estabelecer relações com os mundos apresentados. O gesto volitivo da leitura diária comprova ao sujeito que tantas realidades estão dele próximas e que ele pode as adentrar pelo enquadramento seguro do jornal. Nessa perspectiva, o reconstituir-se na interação com o seu jornal é um dos modos do sujeito auto-preparar-se para os seus demais contatos subjetivos.

As mídias aproveitam-se da organização subjectal desenvolvida nos tipos de contato entre sujeitos e sujeitos para, sobre eles, armar situações como as da vida corrente que são projetadas em seus discursos para subjetivamente estabelecer com o leitor vias de contato. Por uma generalização de seu uso diversificado nos vários tipos de comunicação de massa, esse modo de arranjar a relação intersubjetiva tornou-se um dos motores das situações de interação cada vez mais mediadas.

No jornal, essa construção pode se realizar como algo da ordem do vivido e o hábito cultivado na leitura atesta o seu valor para o leitor. Os procedimentos do sentir o jornal não têm um papel menor e eles estão inscritos no arranjo estético do plano da expressão, na discursivização, no modo pragmático pelo qual a totalidade mundo do jornal chega ao leitor em um arranjo dobrado em quatro ou duas partes, para que o leitor mesmo abra o jornal na totalidade de suas partes: o bloco dos cadernos, os cadernos, as páginas duplas, a página toda, as secções, as matérias que requerem ser continuamente dobradas, desdobradas, redobradas, para a penetração em

seu mundo. Esse mundo está aí no arranjo. Com o seu movimentar, com os seus gestos, o leitor sente, prévio a tudo o mais, os valores e o sentido que o une ao seu jornal. No e pelo ato mesmo de sentir o ordenamento sistemático do jornal, para apreendê-lo enquanto um todo de sentido, o leitor se sente a ele articulado. Nesse tipo de contato, o leitor sente que, na eleita quadratura, se enquadra a proposição constitutiva de uma regulação que se processa graças à inserção da sua própria sensibilidade. Enquanto sujeito sensível, ele se põe a sentir esse outro sujeito que é o jornal, também organizado por uma sensibilidade. Assumindo o seu lugar na interação, o sujeito leitor vive a relação com o jornal como uma experiência. Um sentir em relação à vida que já nos faz deparar com um específico *sentir* para *ser*, advindo da interação

No manuseio do jornal, os gestos do leitor posicionam a cena da leitura no momento em que o gesto de presentificação do mundo que o jornal lhe organiza, tem lugar. A cena pontualiza a projeção actorial do leitor no seu ato de presença nas muitas possíveis ocorrências que podem advir tanto agora na relação entre o leitor e jornal, quanto, depois, nas relações que o leitor estabelece com os outros mundos. Esse discursivizar está centrado, pois, nas qualidades específicas que singularizam dado jornal. A base do argumento desenvolvido faz-se no arranjo dos gestos de leitura no exato momento em que, na situação contextual diária, o leitor, um destinatário do jornal, com os seus gestos, pratica a ação de relacionar-se com o jornal, um destinador. A ligação perigosa que começa no papel, nesse não para, e é como uma interação face a face, que ela qualifica o encontro do leitor com o seu jornal.

Antes mesmo dos procedimentos de discursivização, o leitor se põe com o jornal nas mãos, leva-o diante dos seus olhos, atos que o colocam em prontidão para assumir a posição do “tu” do diálogo, que na leitura o jornal lhe propõe. Nessa prática, antes de se tornar enunciatário, ele, no face a face, responde à convocação do “eu”, o jornal, que deu o primeiro passo, mostrando-lhe o seu querer contactá-lo. Dos gestos do jornal, são os gestos do leitor, que desembocam em um contato em ato. Nos efeitos de sentido dessa formação de um par, que atuam juntos, construindo o seu próprio contato, o hábito de dar lugar a esse encontro na leitura do jornal é uma fonte

irradiadora de prazer que advém do sentir-se em relação ao outro.

No processamento da leitura diária do jornal, o sujeito instaura, com uma série de gestos, uma prática que ativa a sua aprendizagem da oposição mutabilidade vs permanência. Se, de um lado, a leitura do jornal pode ser tomada só pelo seu teor contedúístico, por outro lado, como um hábito ela mantém a auto-regulação dos sentidos do sujeito para sentir-se, sentir o outro e sentir as coisas que lhe ocorrem enquanto significantes. Estimulados pelos arranjos do componente estético que requer a estesia como condição do seu sentir, o jornal arma a sua feição para que ela atualize não um outro mundo, mas esse mesmo que o leitor conhece, por meio do qual ele redimensiona o seu estar no mundo. Nessa regularidade, que torna leitor e jornal familiares cada um desfruta, a seu modo, as formas de contato. Assim é que, a cada dia, o jornal é esperado apresentando-se com o seu estilo, a sua identidade, que proporciona ao leitor o sentir-se familiarizado nas formas de vida que suas páginas põem em circulação. A cada dia, elas presentificam o mundo sob a perspectiva que se escolheu vê-lo, dando provas que os valores que o regem perduram. Qualquer mudança em um projeto editorial é assim um ajuste da identidade do jornal à de seu leitor.

Se o abrir o jornal diante dos olhos é, por muitos, considerado um fazer automático, que passa por algo insignificante, procuramos mostrar justamente o contrário. Esse gesto posiciona o leitor para a sua própria abertura. Longe de uma psicologização da leitura do jornal, vemos na relação de contato que ela constrói que, tanto o leitor, quanto o jornal, transformam o seu encontro em uma cena da vida comum, pois, como parceiros que co-existem, no mesmo tempo e espaço, eles enfrentam juntos a vida e o seu vivê-la. As páginas, os cadernos almejam produzir as condições para que essa vida se realize.